

DOIS ANOS DE CODOCÊNCIA EM CULTURA PORTUGUESA

ANA CRISTINA FILIPE *

JOÃO LUÍS LISBOA **

O objectivo primeiro da comunicação que propusemos era o de fazer o balanço de dois anos do funcionamento de uma disciplina da ESE de Beja. A disciplina (Cultura Portuguesa) funcionou no 1º semestre do curso de formação de professores do ensino básico (Português-Francês), entre 1987/88 e 1988/89. O texto que se segue corresponde às linhas gerais do balanço apresentado.

Por se tratar de um local onde é suposto "ensinar-se cultura", e ainda porque a metodologia escolhida tornava esta disciplina diferente de todas as outras, funcionando com três docentes, este balanço justifica-se plenamente nas 1ªs Jornadas da ESEB. Ao todo, foram 4 os docentes que participaram neste trabalho, envolvendo 37 alunos.

Partimos para este balanço na ideia de que não é possível apenas uma perspectiva. Definindo e aplicando um programa, os docentes tinham uma ideia do que deviam ser os resultados do semestre. Essa ideia orienta agora a avaliação do trabalho realizado.

Em contrapartida, por parte dos estudantes que frequentaram a disciplina, há necessariamente uma apreciação diferente, em muitos casos crítica, e que tem a ver com a forma como o programa e a metodologia foram recebidos e trabalhados na sala de aula.

Começamos pelas perspectivas que presidiram e antecederam o trabalho, por parte dos docentes.

1 - Concepção da disciplina e do programa

Em primeiro lugar, na concepção da disciplina, a principal preocupação consistiu em organizar um espaço que teria de ser multidisciplinar. Não se pretendia uma repetição das disciplinas de Literatura Portuguesa ou de História de Portugal. Não se pretendia, igualmente, criar uma disciplina com um cariz predominantemente filosófico. Juntou-se, por isso, uma equipe que abarcasse campos de interesse diversificado na cultura portuguesa.

Os três docentes implicados, com ligações a áreas de expressões verbais e plásticas

* Estudante da ESE de Beja

** Docente da ESE de Beja

e à História, deveriam pensar um programa onde se reflectissem as suas diversas formações e pontos de vista sobre a cultura portuguesa. Deveria ficar claro o carácter abrangente e multifacetado da cultura, e até as suas possíveis contradições a partir de pontos de vista diferentes.

Partindo da preocupação da multidisciplinaridade, o programa foi definido pelo grupo em torno de tópicos separados, mas que salientavam a segunda preocupação: a de entender simultaneamente a cultura como História e como actualidade. O programa desenhava-se como um programa de história da cultura, sublinhando a sua dimensão temporal e a sua profundidade. Mas essa dimensão temporal apenas faria sentido face à tentativa de conhecer e compreender alguns traços de uma identidade actual. Na História se deveriam encontrar aspectos com significado para os nossos dias.

2 - Definição de conteúdos

Quais, então, as opções, no que diz respeito à definição de conteúdos a trabalhar nesta disciplina. Em primeiro lugar, fez-se uma opção pela descontinuidade. Os vários tópicos, embora aparecessem numa sequência lógica, tinham autonomia. Tal ficava a dever-se às opções temáticas, ao tempo disponível e à necessidade de tornar claro que não se pretendia abordar toda a história da Cultura portuguesa.

Em segundo lugar, as aulas teóricas deveriam tornar claro que as opções temáticas eram restritas. Não só não se abordavam todos os temas que podiam ser considerados importantes na História da cultura, como devia ser nítida uma opção no que respeita a níveis de cultura, problemáticas, conceitos. Havia, pois, que preparar uma introdução teórica onde a cultura pudesse ser trabalhada nos seus conceitos e onde fosse possível fazer um tratamento mais abrangente e aprofundado.

Em terceiro lugar, pretendeu-se conferir um maior peso ao início do século XX, a um tempo que claramente pudesse ser relacionado com a formação do Portugal contemporâneo. Cerca de metade das aulas foram preenchidas por temas do século XX, cabendo ao início do século um peso considerável e reservando as últimas aulas do programa para uma reflexão sobre a cultura dos dias de hoje.

Finalmente, no que respeita à orientação do programa, privilegiaram-se algumas perspectivas: necessariamente as perspectivas artísticas e literária, mas também a antropológica, a científica e a filosófica.

3 - Formas de actuação

A planificação e avaliação conjunta foi um facto ao longo destes dois anos. Ainda que uma aula pudesse estar entregue apenas a um dos docentes intervenientes, ele tinha de saber exactamente o que tinha sido feito anteriormente e o que ia ser feito depois. Do mesmo modo, critérios de actuação e avaliação, provas ou tarefas concretas, eram sempre defini-

das a três, mesmo que, por vezes, isso implicasse todas as dificuldades do trabalho de grupo e da diferença de opinião.

Era necessário que não ficasse a ideia de que a disciplina resultava do somatório da contribuição separada dos professores, que cada um tinha a sua matéria autónoma, arte, literatura ou História (mas História de quê?), e que cada parte era estanque e avaliada separadamente. Esta a parte mais difícil.

Para dar corpo às aulas, várias modalidades foram utilizadas. A mais simples de realizar, mas também a que mais afastada estava da preocupação integradora inicial, foi a entrega de um tema inteiro a um docente só. Foi o caso de várias aulas sobre o Barroco, que se decidiu serem dadas apenas pelo docente da área da expressão plástica, e as aulas sobre António Sérgio e o Racionalismo, de que ficou encarregue o docente de História de Portugal.

Uma segunda modalidade, também de realização relativamente fácil, mas que exigia maior coordenação, consistia na planificação de um tema para vários docentes, mas com aulas separadas. Estas aulas foram, aliás, as que mais contribuíram para o equívoco das competências separadas dos vários intervenientes. Exemplos de temas trabalhados a três, mas em aulas separadas, foram o tema introdutório sobre Teoria da Cultura e o tema do Renascimento.

Finalmente, uma terceira modalidade, usada com menos frequência, sem dúvida mais difícil de concretizar, mas que podia corresponder melhor aos objectivos definidos, consistia na planificação e execução de aulas conjuntas, a que por vezes se chama (utilizando a expressão inglesa) de "team teaching". Estas aulas foram, nalguns casos, aulas a dois, noutros casos, aulas a três. Sem considerar aulas de preparação de exercícios, onde os três docentes deviam estar presentes, alguns temas foram organizados com aulas deste tipo. São exemplos, aulas dos temas "modernismo", "Saudade" e o tema final a cultura portuguesa dos nossos dias.

Mas como foi recebida esta planificação?

4 - O balanço possível na perspectiva dos estudantes

As conclusões a que podemos chegar sobre a forma como os estudantes viram a disciplina de Cultura Portuguesa, para além do testemunho de viva voz, baseiam-se essencialmente num inquérito preparado no final do ano lectivo de 1988/89. Embora não tivéssemos podido contar com a resposta da totalidade dos estudantes, a verdade é que recolhemos, ainda assim, cerca de dois terços das respostas possíveis, revelando-se, essas respostas, no essencial, coincidentes, o que facilita uma compreensão global da perspectiva dos alunos, nestes dois anos.

Em primeiro lugar, e de uma forma geral, os estudantes de Português-Francês compreenderam na disciplina de Cultura Portuguesa, o objectivo de proporcionar uma melhor compreensão de um "todo" cultural em que nos inserimos e a sua relação com as restantes culturas de todo o mundo.

Em segundo lugar, como um dos pontos mais importantes no decorrer dos dois anos em que esta disciplina foi leccionada, foi destacada a metodologia aplicada, ou seja, a existência de uma equipa de professores que contribuiu para uma exposição vasta do programa e, ao mesmo tempo, mais específica, consoante o docente e área de sua especialidade. No entanto se bem que esta metodologia tenha sido bem aceite e considerada positiva, teve também aspectos negativos, tais como a dispersão que por vezes era sentida na passagem de um tema para outro ou na passagem de um docente para outro.

Em terceiro lugar, é convicção dos estudantes que, dada a restrição a que os temas eram obrigados pelo facto de se tratar de uma cadeira semestral, e tendo em conta a importância das questões tratadas, a disciplina ganharia se tivesse uma duração anual. Assim se possibilitaria um real aprofundamento do tratamento dos temas que, tal como foram dados, por vezes davam pouco espaço à discussão.

Mas nem só a metodologia foi objecto de análise. Em relação aos conteúdos trabalhados, embora considerados de grande interesse, ficou a ideia de que o peso dos temas até ao século XIX era excessivo face aos temas dos nossos dias.

Finalmente, se procurarmos saber que ideia de Cultura Portuguesa ficou destes dois anos, verificamos que se construiu uma noção diferente da que os estudantes traziam, ou pelo menos mais aprofundada, dando agora valor a todas as manifestações culturais, nacionais e estrangeiras, como forma de compreendermos o que somos, alargando os horizontes no que diz respeito ao que se considera como fazendo parte da Cultura Portuguesa.

Em suma, das respostas dos estudantes pode inferir-se que se tratou de uma disciplina que abriu perspectivas para um mundo mais vasto em que os próprios são intervenientes. Lamentam entretanto que uma disciplina com este âmbito não pudesse ocupar mais espaço no ano lectivo, de forma a ainda poderem ser tratadas outras questões que nem sequer puderam ser incluídas no programa.

5 - Do que até aqui se expôs, é possível retirar algumas conclusões, matéria afinal também para reflexão:

1. Um dos principais objectivos foi atingido. As preocupações quanto à noção de cultura foram assimiladas e aparecem espontaneamente agora, em particular o carácter abrangente conferido à cultura;

2. Há que reconhecer a existência de certas perturbações na sequência das descontinuidades do programa e da equipa docente;

3. Há que reconhecer também que o peso conferido a questões da história com ligação directa aos nossos dias, em particular o peso dos pontos relativos à formação do Portugal contemporâneo, não foi sentido pelos estudantes;

4. Da conclusão anterior, uma das consequências é a salienta da necessidade de um maior aprofundamento de questões dos nossos dias;

5. Finalmente, há que constatar o relativo insucesso de sala de aula como espaço de

produção de cultura, o que neste caso concreto se traduziria em momentos de particular crítica da cultura portuguesa. Entre outras razões, os limites de tempo que os estudantes apontaram, mas também por razões de passivo de informação sobre matéria relativa aos tópicos do programa. Crítica e discussão houve, mais talvez no grupo de 1987/88, mas as aulas resultaram mais em momentos de transmissão e apreensão do que de reelaboração. E, nisto, a coordenação da equipa docente e, mais ainda, a consciência por parte da turma da unidade da disciplina e a sua necessária participação nessa unidade, são elementos fundamentais.

MARTINS & BAILÃO, LDA.



***EMPREITEIROS
DE OBRAS PÚBLICAS
E CONSTRUÇÃO CIVIL***

VENDA DE LOJAS E APARTAMENTOS



24136

RUA ANTÓNIO SARDINHA Nº 37 * 7 800 BEJA**



☎ 24 282

MARIANO GASPAR & FILHOS, LDA.

**AGENTE DISTRIBUIDOR DE:
MÓVEIS PARA ESCRITÓRIO E ESTANTES
GIALMI - ROLL E CORTAL**

**PEÇAS E ACESSÓRIOS PARA AUTOMÓVEIS-
TRACTORES ALPAIAS AGRÍCOLAS
MÁQUINAS E FERRAMENTAS**

Rua da Liberdade, 7 a 13 7800 BEJA



REPROÉVORA

EQUIPAMENTOS DE ESCRITÓRIO, LDA.

RUA DE MACHEDE, 42 - TELEFONE 25689 - 7000 ÉVORA

**REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
PARA TODO O ALENTEJO:**

INTERFACCIONE



EQUIPAMENTOS E PARTES

Gestetner

**GARANTIA
ASSISTÊNCIA TÉCNICA**